

## LITTERATURA

## A MULHER PALLIDA

(CONTINUAÇÃO)

III

Maximo teve uma ideia singular: experimentar se Eulalia, rebelde ao estudante pobre, não o seria ao herdeiro rico. Nessa mesma noite foi á rua dos Arcos. Ao entrar, disse-lhe o Sr. Alcantara:

— Chega a proposito; temos aqui umas moças que ainda não ouviram o *Suspiro ao luar*.

Maximo não se fez rogado; era poeta; suppunha-se grande poeta; em todo caso recitava bem, com certas inflexões langorosas, umas quedas da voz, e uns olhos cheios de morte e de vida. Abotoou o paletó com uma intenção chateaubrianica, mas o paletó recusou-se a intenções estrangeiras e litterarias. Era um prosaico paletó nacional, da rua do Hospicio n. A mão ao peito corrigiu um pouco a rebeldia do vestuario; e esta circumstancia persuadiu a uma das moças de fóra que o joven estudante não era tão desprezível como lhe havia dito Eulalia. E foi assim que os versos começaram a brotar-lhe da boca, — a adejar-lhe, que é melhor verbo para o nosso caso.

— Bravo! bravo! diziam os ouvintes, a cada estrophe.

Depois do *Suspiro ao luar*, veio o *Devaneio*, obra nebulosa e deliciosa ao mesmo tempo, e ainda o *Collo de neve*, até que o Maximo annunciou uns versos ineditos, compostos de fresco, poucos minutos antes de sair de casa. Imaginem! Todos os ouvidos afiaram-se para tão gulosa especieria litteraria. E quando elle annunciou que a nova poesia denominava-se *Uma cabana e teu amor*, — houve um geral murmúrio de admiração. Maximo preparou-se; ornou a inserir a mão entre o collete e o paletó, e itou os olhos em Eulalia.

— Forte tolo! disse a moça consigo.

Geralmente, quando uma mulher tem de um homem a ideia que Eulalia acabava de formular, — está prestes a mandal-o embora de uma vez ou a idolal-o em todo o resto da vida. Um moralista dizia que as mulheres são extremas: ou melhores ou piores do que os homens. Extremas são, e dahi o meu conceito. A nossa Eulalia estava no ultimo fio da tolerancia; um pouco mais, e o Maximo ia receber as derradeiras despedidas. Naquelle noite mais do que nunca,pareceu-lhe insupportavel o estudante. A insistencia do olhar, — elle, que era timido, — o ar de soberania, certa consciencia de si mesmo, que até então não mostrara, tudo o condemnou de uma vez.

— Vamos, vamos, disseram os curiosos ao poeta.

— *Uma cabana e teu amor*, repetiu Maximo.

E começou a recitar os versos. Essa composição intencional disia que elle, poeta, era pobre, muito pobre, mais pobre do que as aves do ceu; mas que á sombra de uma cabana, ao pé della, seria o mais feliz e mais opulento homem do mundo. As ultimas estrophes, — juro que não as cito senão por ser fiel á narração, — as estrophes derradeiras eram assim:

Que me importa não tragas brilhantes,  
Refulgindo no teu collo nu?  
Tens nos olhos as joias vibrantes,  
E a mais nitida perola és tu.

Pobre sou, pobre quero ajoelhado,  
Como um cão amoroso, a teus pés,  
Viver só de sentir-me adorado,  
E adorar-te, meu anjo, que o és.

O effeito destes versos foi estrondoso. O Sr. Alcantara, que suava no Thesouro todos os dias para evitar a cabana e o almoço, um tanto parco, celebrado nos versos do estudante, applaudiu entusiasticamente os desejos deste, notou a melodia do rythmo, a doçura da phrase, etc.

— Oh! muito bonito! muito bonito! exclamava elle, e repetia entusiastado:

Pobre sou, pobre quero ajoelhado,  
Como um cão amoroso a teus pés,

Amoroso a teus pés... Que mais? Amoroso a teus pés, e... Ah! sim:

Viver só de sentir-me adorado,  
E adorar-te, meu anjo, que o és!

Note-se, — e este rasgo mostrará a força de character de Eulalia, — note-se que Eulalia achou os versos bonitos, e achal-os-hia deliciosos, se os pudesse

ouvir com orelhas sympathicas. Achou-os bonitos, mas não os applaudiu.

« Armou-se uma brincadeira » para usar a expressão do Sr. Alcantara, querendo dizer que se dansou um pouco. — Armemos uma brincadeira, bradára elle. Uma das moças foi para o piano, as outras e os rapazes dansaram. Maximo alcançou uma quadrilha de Eulalia; no fim da terceira figura disse-lhe baixinho.

— Pobre sou, pobre quero ajoelhado...

— Quem é pobre não tem vicios, respondeu a moça rindo, com um pouco de ferocidade nos olhos e no coração.

Maximo enfiou. Não me amaré nunca, pensou elle. Ao chá, restabelecido do golpe, e fortemente mordido do despeito; lembrou-se de dar a acção definitiva, que era noticiar a herança. Tudo isso era tão infantil, tão adoudado, que a lingua entorpecese-lhe no melhor momento, e a noticia não lhe saiu da boca. Foi só então que elle pensou na singularidade d'uma noticia daquellas, em plena ceia de estranhos, depois de uma quadrilha e alguns versos. Esse plano, affagado durante a tarde e a noite, que lhe parecia um prodigio de habilidade, e talvez o fosse de veras, esse plano appareceu-lhe agora pela face obscura, e achou-o ridiculo. Minto: achou-o ousado apenas. As visitas começaram a despedir-se, e elle foi obrigado a despedir-se tambem. Na rua, arrependeu-se, chamou-se covarde, tolo, maricas, todos os os nomes feios que um character fraco dá a si mesmo, quando perde uma acção. No dia seguinte mettu-se a caminho para Iguassú.

Seis ou sete semanas depois, tornado de Iguassú a noticia da herança era publica. A primeira pessoa, a que o visitou foi o Sr. Alcantara, e força é dizer que a pena com que lhe appareceu era sincera. Elle o aceitara ainda pobre; é que de veras o estimava.

— Agora continúa os seus estudos, não é? perguntou elle.

— Não sei, disse o rapaz; pode ser que não.

— Como assim?

— Estou com ideias de ir estudar na Europa, na Allemanha, por exemplo; em todo o caso, não irei este anno. Estou moço, não preciso ganhar a vida, posso esperar.

O Sr. Alcantara deu a noticia á familia. Um irmão de Eulalia não se teve que não lançasse em rosto á irmã os seus desdens, e sobretudo a crueldade com que os manifestára.

— Mas se não gosto delle, e agora? dizia a moça. E dizia isso arrebitando o nariz, e com um geito de hombros, secco, frio, enfadado, amofinado.

— Ao menos, confesse que é um moço de talento, insistiu o irmão.

— Não digo que não.

— De muito talento.

— Creio que sim.

— Se é! Que bonitos versos que elle faz! E depois não é feio. Você dirá que o Maximo é um rapaz feio?

— Não, não digo.

Uma prima, casada, teve para Eulalia os mesmos reparos. A essa confessou Eulalia que o Maximo nunca se declarára de veras, embora lhe mandasse algumas cartas. — Podia ser caçoada de estudante, disse ella.

— Não creio.

— Podia.

Eulalia, — e aqui começa a explicar-se o titulo deste conto, — Eulalia era de um moreno pallido. Ou doença, ou melancolia, ou pó de arroz, começou a ficar mais pallida depois da herança do Iguassú. De maneira que, quando o estudante lá voltou um mez depois, admirou-se de a ver, e de certa maneira sentiu-se mais ferido. A pallidez de Eulalia tinha-lhe dado uns trinta versos; porque elle romantico a-abado, do grupo chlorotico, amava as mulheres pela falta de sangue e de carnes. Eulalia realisára um sonho; ao voltar de Iguassú o sonho era simplesmente divino.

Isto acabaria aqui mesmo, se Maximo não fosse alem de romantico, dotado de uma delicadeza e de um amor-proprio extraordinarios. Essa era a outra feição principal delle, a que me dá esta novellita; porque se tal não fóra... Mas eu não quero usurpar a acção do capitulo seguinte.

\*(Continúa)

M. DE A.

## VIAGENS

## O BRASIL

(Continuação)

Não sabe a gente o que mais deva admirar, si a habilidade dos cocheiros, si o descuido com que conduzem os seus vehiculos atravez de todos os obstaculos, sem se importarem nada com os accidentes que podem occasionar ou com os prejuizos a que podem dar logar. Si vos refugiardes na calçada, um carroceiro<sup>1</sup> mais impaciente não porá duvida em levar para lá as suas bestas e a sua carroça. Outras vezes são negros que trazem pesados fardos á cabeça e com os quaes se esbarra ao voltar uma esquina!...

Finalmente, graças á minha boa estrella, eis-me n'um sitio mais tranquillo, a rua do Ouvidor, que me parece ser para o Rio de Janeiro o que é para Bruxellas a Montanha da Corte e a rua do Escudeiro. Bonitos armazens, cujas amostras são maravilhosamente bem preparadas, offerecem aos compradores todas essas bagatellas que o luxo e a moda crearam nos dous mundos.

Os negociantes francezes são numerosissimos na rua do Ouvidor, e, pela primeira vez depois de tantos mezes, ouvi a lingua do meu paiz.

Nas calçadas passeiam lentamente, de leque na mão e mantilha na cabeça, as senhoras da alta sociedade brasileira, cerca las dos elegantes que se desfazem em atenções. E uma ostentação inaudita de vestuarios admiraveis, de seda, de rendas, de flores. As conversações, o andar, os menores movimentos teem o cunho da graça mais delicada e da mais perfeita distincção.

E' assim que vejo moços beijarem respeitosa e a mão de velhos que encontram.

No Café da America, onde entrei para tomar um refresco, o mesmo bom gosto, as mesmas maneiras cortezes.

O brasileiro é eminentemente sobrio por natureza, e todos os que vi em diferentes tavernas não pediam bebidas alcoolicas. O café quente ou frio, as limonadas, a agua de Seltz são os unicos refrescos que tomam. A cerveja ingleza ou alleman tambem não tem nelles grandes consumidores.

A hospitalidade é excessiva nos estabelecimentos publicos. A entrada n'uma loja de bebidas não obriga a tomar qualquer coisa. Pelo contrario: uma talha com agua fresca, *agua gelada* (2) está bem á vista na sala commum. O primeiro que passa entra, toma um copo no aparador, lava-o e vae buscar agur fresca á talha, sem ter por isso de desembolsar a menor somma. O mesmo succede nos armazens de viveres e comestiveis.

Seria util que os estrangeiros tivessem a prudencia de se submeter ao regimen dos habitantes do paiz. Estou convencido que, neste caso, a sua acclimação offereceria menos difficuldade.

Ao sahir da rua do Ouvidor, prosigo na minha peregrinação, e, afastando-me mais do porto, não tardou a encontrar ruas largas, mais arejadas e sobretudo menos ruidosas. Aqui já não ha commercio, nem gritos, nem tumulto; e raros transeuntes se encontram.

Aqui e alli um grupo de negros e negras dispostos em fila juncto de uma bica esperam a vez de encher os regadores e levar para a casa a provisão d'agua necessaria ao consumo do dia.

Atravesso tambem algumas bonitas praças publicas, ornadas de *squares* e de estatuas. Uma das mais bonitas é a que se estende em frente do theatro imperial (3); merece igualmente ser mencionada a que fica no fim da rua do Ouvidor e onde se vê uma bella igreja, bem que de um estylo pesado. Ha muitas egrejas no Rio de Janeiro, e são ornadas com um luxo e uma riqueza que honram a piedade da população. As suas paredes são excessivamente espessas, os vidros pintados adoçam a luz demasiado viva do sol, de sorte que ha nas egrejas um crepusculo e uma frescura, que tornam agradabilissimos esses asylos da oração. A devoção no Rio de Janeiro tem pois o seu lado bom e é muito seguida.

Entre os monumentos que me foi dado vêr, cite-mos o bello theatro imperial, onde assisti a uma representação do *Fausto* com uma Margarida (4) que posto fosse morena e brasileira, não era menos seductora; nesse dia precisamente estreava na carreira ar-

(1) *Arriero*, no original.(2) *Agua gelada*, no original.

(3) O auctor refere-se ao Theatro S. Pedro de Alcantara.

(4) Será Mlle. Cinira Pollonio?





UM BAPTISMO NA IDADE MEDIA





A FREIRA

J. A. V. M. M. 1881



tística, e o modo porque se revelou pôde bem leval-a a atravessar os mares para que os *dilettanti* europeus lhe admirem o talento. Não esqueçamos o Correio geral e a Caixa da Amortisação. Não fallando nas suas enormes proporções e na sua architectura magnifica, esses edificios teem todas as commodidades que requer o seu emprego, e poderiam com toda a razão ser citados como modelo no genero.

DR. CH. CORBIER.

(Continúa)

### AS NOSSAS GRAVURAS

UM BAPTISMO NA IDADE MEDIA

O quadro cuja reprodução hoje publicamos representa um dos actos da historia da Hungria na idade media, na epoca em que o christianismo, em sua marcha triumphal pela Europaahi trasia a civilisação.

O principe Veik, primeiro rei hungaro, mais tarde appellidado o Santo, recebe do arcebispo Adalberto de Praga, as santas aguas do baptismo e assim dá aos povos Magyares que até então tinham conservado as crenças religiosas importadas do oriente, o exemplo de submissão á religião do Crucificado.

E' notavel esta tela não somente pelo assumpto em si como pelo estudo aturado da epoca que mostra o notavel artista.

A FREIRA

As bellas artes frequentemente tomam por thema a glorificação desses entes que desprezando os gosos mundanos entregam-se á vida monastica dedicando-se as delicias espirituaes. Nunca porem deixam os pintores e esculptores de representar os seus personagens como sacrificio feito a ideas falsas, collocando-os em situações calculadas para mostrar o conflicto da natureza humana com os votos severos.

No bello quadro cuja reprodução hoje publicamos transparece a intima disposição de uma moça. Embora castigasse o corpo com toda a especie de penitencia, para apagar da alma os risinhos quadros do mundo, não pode deixar de commover-se ao presenciar as pombas que na sua cella esvoam e alegremente, manifestando o quanto é bello o viver na juventude.

### A CIDADE E OS THEATROS

Rio, 15 de Setembro de 1881.

O Rio de Janeiro está um paraíso actualmente. Um verdadeiro céu aberto a satisfação de todos os bellos prazeres.

Bailes, concertos, corridas, saraus, regatas, passeios, espectáculos... Os sete divertimentos capitaes da vida elegante, a gamma completa dos prazeres honestos!

Bem bom! As festas succedem-se, atropellam-se n'uma profusão encantadora. Só ha o embaraço da escolha, ou nem isso para aquelles que se aproveitarem de todas. Descansar das corridas n'um espectáculo, adormecer ás melodias suaves do *Trovador* e acordar volteando ao som de uma valsa, não está ahí o mais bello sonho da vida? Ella é tão curta, a vida! e o prazer passa tão rapido, que é preciso agarral-o sempre e onde quer que se possa.

Tudo passa, tudo foge n'este mundo, os homens como as cousas, as cousas como os bailes do Cassino.

Esteve triste, pouco animado o ultimo baile do Cassino, d'aquelle bello Cassino, tão cheio de gratas recordações, cujos echos repetem mil e uma historias amorosas, mil e um romances galantes! Os salões estavam abandonados; quarenta damas ou pouco mais que suppiam a quantidade pela qualidade, se quizerem; mas que justificavam grandemente este dito suspirado por uma impar de toda a noite:

— Ah! o meu tempo!  
Diante do entusiasmo sempre crescente da nossa *high-life* pelo theatro lyrico, é facil talvez explicar-se o abandono em que as nossas elegantes vão deixando os bailes do Cassino: é que o bello sexo — e mesmo o sexo feio — vae ás festas menos para ver do que para ser visto, e enquanto no theatro imperial as nossas bellas mundanas tem sete mil espectadores que são outros tantos captivos das suas graças, nos bailes do Cassino o numero não chega a cem. E' a consciencia de ser admirada que torna a mulher atrocemente feacira.

Cincoenta admiradores! e quarenta invejosas... Realmente não paga a pena de uma toilette como algumas das que vimos. — Porque ha ainda uma pequena phalange que sustenta esplendidamente as tradições herdadas. Notamos as excellentissimas:

Sra. B..., exuberante de graças na sua toilette de *moire* cor de rosa e rendas de Chantilly.

Sra. C. de E..., brilhante, de setim malva, e um lindo bouquet de margaridas roxas.

Sra. A. C. de A... como sempre elegante, de gaze de

Chambery, flores e fitas de duas côres prendendo a tunica.

Sra. H. T..., de setim azul claro, realçado de rosas e *verveines*.

Sra. M. K..., de setim cereja, e valencianas com apanhados de rosas vermelhas e amarellas;

Sra. P..., graciosa e elegantissima, de seda e setim brancos, com guarnição de rendas;

Sra. J. L..., de seda violeta e rendas pretas;

Sra. B. R... a Sra..., e quantas, quantas outras, cujas graças e belleza a memoria me não recorda, senão atravez da fascinação que confunde, e que vão naturalmente me querer tanto mal por uma culpa que é toda d'ellas!

Em summa, foi sempre um baile.

As regatas succedem-se, e parecem-se.

Mas tão raras se tem tornado essas festas do Club guabarensense, que a ultima levou á bahia de Botafogo uma concorrência brilhante. Todo o Rio de Janeiro chique estava domingo em Botafogo, estava por conseguinte a leitora tambem. O que me dispensa d'uma descripção que eu não faria senão incompletissima.

Sejamos um pouco patriotas...

Vamos ao theatro Lucinda, que nos deu uma peça nacional; o Pedro-Segundo esperará...

No estado de triste decadencia, ou melhor, no estado de infancia abandonada em que se acha a litteratura dramatica entre nós, a appareição d'um drama nacional é sempre um acontecimento, que deve interessar a todos, sem distincção de sexo. Fallemos pois do *Segredo do lar*.

O drama do Dr. Barata Ribeiro discute além d'isso uma questão social, que interessa um e outro sexo. E' a questão do adulterio, tendo por these mostrar os grandes perigos das uniões, infelizmente não pouco communs, entre pessoas de idades desproporcionadas.

Um velho casa com uma joven, Olympia, a quem ama extremamente; mas de quem não é correspondido. E' um excellent homem, de bom caracter, respeitavel, maneiras distinctas; mas infelizmente para o amor não é o que basta, o amor não se nutre de respeito, nem nasce da gratidão, e Olympia não o ama. Entre ella o seu coração de joven romaneca ha um abysmo de rugas, de pés de galinha, de cabellos brancos, que lhe é impossivel transpor; não ama portanto o pobre velho.

De não amar o marido a trahi-lo vae bem pouco para uma mulher do caracter versátil, romantico, enigmatico como é Olympia, que não ama ninguém, mas que accceita a côrte de alguém, com quem se corresponde, com quem trabe o marido, com quem finalmente decide fugir, como fugiria realmente se não houvesse Jorge.

Jorge é um velho escravo do marido trahido. Tem por elle uma respeitosa amizade, uma illimitada dedicação mahometana. Servio desde pequeno, acompanhou o seu senhor quando estudando, estudou com elle, apostou muita vez com elle quem decoraria melhor a lição de historia... E' um amigo, um companheiro de infancia; adora-o, idolatra-o ao ponto de recusar a liberdade que podia apartal-o do seu senhor. Zeloso da honra do seu senhor, tendo entrada por toda a parte na casa, foi lhe facil surprender os amores adulteros de Olympia, que aliás já eram bem notorios para todos com excepção apenas do marido. Os paes e os maridos são sempre os ultimos a saberem dos amores que lhes tocam mais de perto!

Senhor do segredo do lar, de posse dos amores da senhora com o amante, o escravo torna-se o senhor da senhora. Segue, espia-a, surprende o seu projecto de fuga, e para impedir a deshonra do seu senhor amigo, tudo tenta. Pede a um amigo do senhor que lhe aconselhe uma viagem. Olympia, que parece ceder á vontade do marido de partir, arranja o seu plano de fuga para a vespera da partida. Mas Olympia, muito intelligente para arranjar este plano, para animar com o seu raciocinio o amante que hesita e para intrigar o escravo Jorge até conseguir a sua expulsão, é uma desasada que esquoce as cartas do amante mesmo no salão do marido!

O velho acha uma d'essas cartas, quando o escravo vem despedir-se d'elle. A situação esclarece-se, tudo se revela... Olympia vem para fugir, o amante entra para buscal-a e todos se encontram face á face.

*Tue-la*, diz Alexandre Dumas ao marido trahido.

E o velho quer vingar a sua honra ultrajada matando a esposa infiel; mas o amor trahido, o ciúme, o desespero enlouquecem-n'o; e é Jorge que apunhala a senhora e diz ao amante que quer matar-se:

— Não!... Vá dizer lá fóra que elle enlouqueceu porque eu a matei!

Eis a ultima scena do quarto e ultimo acto. O panno desce e começam os commentarics.

Diga a critica o que quizer, ha ahí os elementos d'um drama, ha mesmo um drama, que se não é isempto de defeitos tem qualidades apreciaveis. O typo de Olympia é indeciso, exquisito, incomprehensivel ás vezes, esquoce as cartas do amante — o que uma mulher intelligente não faz senão nos dramas — mas o typo de Jorge está bem traçado e vigorosamente descrito. O primeiro acto é sobretudo bem planejado e bem escripto; e o *Segredo do lar* é um bello drama, embora nos tres ultimos actos a linguagem seja menos scintillante, e as situações mais desanimadas.

Ei bem desempenhado. D. Lucinda, Olympia, o Sr. Furtado Coelho, o marido, e o Sr. Xisto Bahia, Jorge, deram brilho e realce aos seus papeis.

Um bello espectáculo, que devemos agradecer á coragem do Sr. Barata Ribeiro, e ao interesse e animação que dá a empreza á arte dramatica, montando uma peça nacional, quando a indiferença do publico é tão pronunciada por tudo quanto é do nosso theatro.

Agora, o lyrico...

O theatro lyrico tornou-se d'esta vez, como todos os annos, o rendez-vous obrigado do mundo chique. As nossas elegantes bradam aos pais e aos maridos:

— Ou lyrico! ou morte!  
E' a paixão da arte, é o gosto pela musica? ou o imperio da moda?

*Chi lo sa?*  
Ha de tudo um pouco. Vae-se para se ouvir, vae-se para se ver, vae-se sobretudo para se fazer ver. O que não é nem um crime, nem mesmo um peccado.

Ser-me-ia de todo impossivel fallar-vos de todos os espectáculos do lyrico. A serie é já muito crescida: *Poliuto, Aida, Trovador, Huguenotes...* com uma animação sempre crescente, com uma concorrência sempre brilhante, tendo sempre novidades a notar, se não na scena, ao menos na sala, do lado das damas. Porque os homens, esses são constantes ao menos na sua toilette: a mesma casaca, a mesma gravata, o mesmo *gibus* e os mesmos bigodos torcidos da mesma maneira.

Nada é mais commum.  
Mas do lado bello, que variedade! E' com razão que se diz que a mulher é varia. Algumas contam os espectáculos pelo numero de toilettes...

Tivemos em ultimo lugar os *Huguenotes*, opera anciõsamente esperada e que ainda ante-hontem levou ao theatro imperial toda a *high-life* fluminense. A primeira representação da bella opera de Meyerbeer, se não foi um successo de scera, foi um acontecimento de sala. O theatro estava brilhante e repleto.

Emquanto a Sra. Boronat e outros artistas me deixaram livre a attenção durante os primeiros actos, eu aproveitei para examinar a sala, e pude distinguir as excellentissimas:

Sra. R..., de seda branca e rendas, decotada, e margaridas nos cabellos d'um penteado adoravelmente simples e gracioso.

Sra. B... fulgurante, de veludo preto.  
Sra. condessa de E... elegante, de veludo preto e rendas, dianteira de setim.

Sra. Rod..., muito graciosa, de seda branca, corpinho quadrado, mangas curtas d'uma faceirice encantadora.

Sra. P... elegantissima, de setim granada, quadrado e mangas de rendas.

Sras..., n'um camarote de segunda a direita e o segundo ao pé da scena, mãe e filha, esta, de seda amarella, realçado de veludo cereja e rosas vermelhas; aquella, em grande toilette de veludo preto amavelmente decotada.

E aqui param as minhas notas, a Sra. Borghi-Mamo e o Sr. Tamagno começando a cantar bem e o espectáculo tornando-se interessantissimo.

No quarto acto, o duetto entre a Sra. Borghi-Mamo e o Sr. Tamagno, aquelle poema incandescente do amor e harmonia, foi um triumpho. A companhia devia-nos isso...

Sem sahir dos theatros, nem da arte musical.  
Temos ainda uma novidade, um instrumento novo, a rabeça de mesa, uma rabeça de tres cordas metallicas e que tem a forma poetica d'um coração.

Chega-nos da Alemanha trazida por uma artista bella e graciosa, a Sra. Augusta Hartmann, que arranca daquellas tres cordas umas melodias graciosamente plangentes, docemente sentidas como deve ser o côro dos anjos. Formosa, elegante, bella, d'uma belleza langorosamente atrahente, e d'uns olhos brilhantes e de primeira grandeza, toca com extrema arte o seu coração...

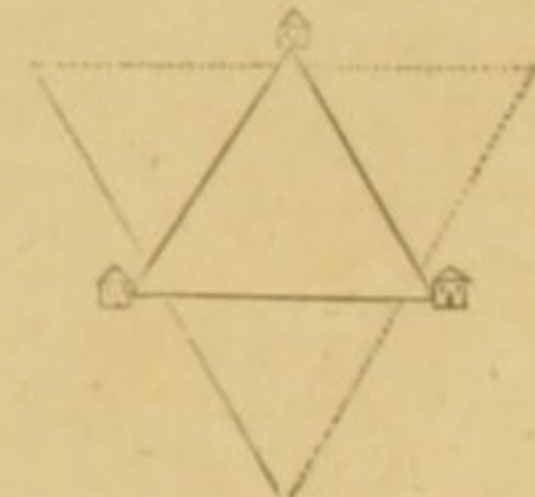
E os dos outros ainda melhor.

D. J.

### HORAS DE OCIO

Forão muitas as decifrações que recebemos dos enigmas publicados no ultimo numero. O premio foi ganho por *uma moça de Nietheroy* a qual, como muitas outras que advinharam certo mas não chegaram em tempo, respondeu:

21



22

FLUMINENSE

23

2847

Para os tres problemas abaixo o premio será um exemplar da obra de V. Hugo *L'Homme qui rit*.

#### 24. Problema arithmetico

João diz a Pedro: Se me deres tres das tuas laranjas, ficarei com cinco tantas das que te restarem.

Responde Pedro: dá-me tu duas das tuas porque assim ficaremos cada um com numero igual.

Quantas laranjas possuia cada um d'elles.

#### 25. Pergunta ingenua

Porque é que se não pode comer dois ovos em jejum.

N. B. A correspondencia relativa a esta secção deve ser dirigida a NEMO, no escriptorio da redacção deste jornal.